

São Bento do Sapucaí, SP: o artesanato como elemento integrador no desenvolvimento comunitário

Luciana Graci Rodela
Doutora em Geografia Física pela USP
lurodela@usp.br

Alexandre de Oliveira e Aguiar
Prof. Dr. do Mestrado Profissional de Gestão Ambiental e Sustentabilidade da UNINOVE
aaguiar@uninove.br

Ana Paula do Nascimento Lamano Ferreira
Profa. Dra. do Mestrado Profissional de Gestão Ambiental e Sustentabilidade da UNINOVE
ana_paula@uninove.br

Cláudia Terezinha Knies
Coordenadora do Mestrado Profissional de Gestão Ambiental e Sustentabilidade da UNINOVE
knies@uninove.br

Relato Técnico

Resumo: O artesanato de fibras vegetais é importante fonte de renda e desenvolvimento na Estância Climática de São Bento do Sapucaí, localizada na Serra da Mantiqueira, São Paulo. Destaca-se a utilização de fibra de bananeira na elaboração de produtos artesanais tradicionais, e segundo os artesãos, seus produtos são sustentáveis. O objetivo do presente trabalho foi realizar uma discussão em torno das relações entre o artesanato e atividades a ele ligadas, como o desenvolvimento comunitário, a fruticultura de bananas, a sustentabilidade ambiental e o turismo. Para tanto, foram realizadas 32 entrevistas com membros da comunidade de São Bento do Sapucaí, desde bananicultores, artesãos, empresários do turismo, comerciantes, funcionários públicos e líderes comunitários. O artesanato tem se caracterizado com um dos principais atrativos turísticos e tem se mostrado como elemento integrador da comunidade, como no caso do bairro do Quilombo, onde a organização da comunidade em torno do artesanato aponta para facilitação do desenvolvimento socioeconômico, cultural e das infraestruturas do próprio bairro, bem como desenvolve novos modos de trabalho para atender à demanda crescente. O artesanato pode ser entendido com um dos principais elementos do sistema produtivo da bananicultura, especialmente no que se refere ao rendimento familiar e inserção social da mulher.

Palavras-Chave: artesanato; desenvolvimento comunitário; infraestruturas; sustentabilidade.

1 Introdução

São Bento do Sapucaí, município localizado a 22°41' S e 45°44' W, a cerca de 180 km da capital paulista é classificado como uma Estância Climática, e situa-se na borda noroeste do Planalto de Campos do Jordão, região das mais procuradas por turistas no estado de São Paulo.

Apresenta topografia montanhosa, o que resulta em vários recursos paisagísticos naturais. A área do município possui altitudes entre 920m, na área urbana, a 1905m na Pedra do Baú (HIRUMA & TEIXEIRA, 2010), principal atrativo turístico, situado na Unidade de Conservação Monumento Natural Pedra do Baú (**Figura 1**).

O município possui um território de 252,10 km² e se constitui em inestimável importância ambiental, pois localiza-se na Serra da Mantiqueira, um corredor ecológico muito significativo de Mata Atlântica do Sudeste do Brasil, de “prioridade extremamente alta para conservação e uso sustentável” (BRASIL, 2000, p. 29).

Cerca de 49% do território municipal são de área urbana. O restante da área constitui-se de remanescentes de vegetação de “Mata Atlântica e ecossistemas associados” e de áreas agrícolas, predominantemente de pastagens e de fruticultura. Cerca de 50% de seus 11780 habitantes se dedicam a atividades rurais (SEMA, 2010). Dentre as atividades rurais, a bananicultura se destaca por representar uma das principais fontes de renda local, bem como de desenvolvimento social e cultural, especialmente para agricultores e artesãos. A maior parte do artesanato é tradicionalmente produzido em fibras de bananeira, produtos artesanais considerados ambientalmente sustentáveis pelos próprios artesãos, como tem revelado a presente pesquisa. Além disso, o artesanato tem se desenvolvido enquanto umas das principais atividades socioeconômicas, especialmente graças ao turismo, e integradoras de comunidades do município.

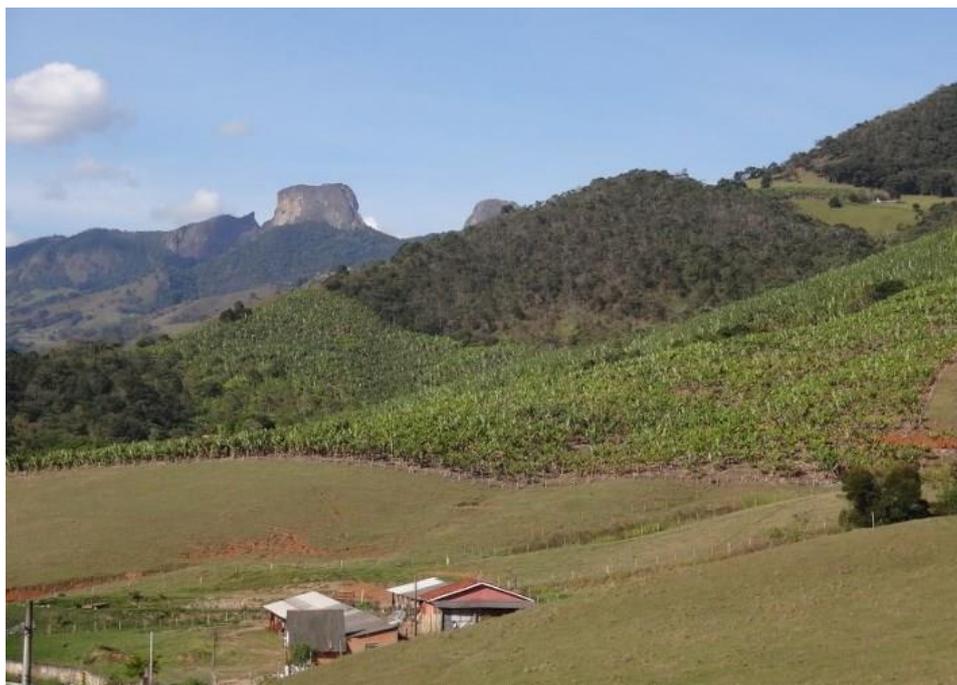


Figura 1- De baixo para cima: pasto, bananal, floresta, Pedra do Baú. Trecho da Rodovia do Paiol. São Bento do Sapucaí, SP (maio de 2014).

Não há dados oficiais sobre o volume específico do setor turístico na economia local, mas nota-se o crescimento da atividade na área de estudo. Um indício importante disto é a participação do setor de serviços na economia (76%): o município agrega atualmente cerca de 70 estabelecimentos de hospedagem, alimentos & bebidas, recreação e lazer, sendo, desses, cinco ligados ao artesanato (SEMA, 2010).

Por outro lado, ainda há carência de pesquisas de um modo geral, especialmente as direcionadas aos desdobramentos socioambientais gerados pelo artesanato na região. Com

efeito, estudos sobre as relações entre artesanato e desenvolvimento comunitário são essenciais para respaldar a implementação de sistemas de produção sustentável participativos.

No encaço dessas considerações, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma discussão em torno das relações entre o artesanato e atividades a ele ligadas, como a fruticultura de bananas, o desenvolvimento e a organização comunitária, a sustentabilidade ambiental e o turismo. Como objetivo específico, pretendeu-se determinar as próximas etapas para continuidade e aprofundamento da pesquisa em subtemas. A discussão baseou-se em levantamentos de campo e na realização de entrevistas com membros da comunidade local.

2 Fundamentação Teórica

2.1 O artesanato em fibra de bananeira como atividade econômica

O artesanato considerado tradicional se baseia nas definições de SARASHIMA (2013), que envolvem: 1) Tradição: a tecnologia do produto e seus materiais foram adquiridos localmente, enquanto os artesãos podem continuar a inovação, modificando a forma e finalidade dos seus produtos de acordo com a mais ampla mudança social; 2) Caráter artesanal no modo de produção, trabalhos manuais com intensa dedicação do artesão; 3) Localidade: baseado em um local onde a técnica foi cultivada, uma paisagem de onde os materiais foram recolhidos, e considerando-se a história de produção; 4) Popularidade: com base na orientação do produto e acessibilidade para pessoas comuns. 5) Protótipo: forma e padrão do produto estabelecidos ao longo da história.

Para que o artesanato possa ser considerado ‘sustentável’, é interessante notar o que o SEBRAE (2006) diz a respeito do processamento artesanal da fibra de bananeira, pois o mesmo recomenda que seja explorado em regiões que apresentem abundância na cultura desse produto, sendo que o local deve, ainda, ser propício ao desenvolvimento do turismo rural, uma vez que o potencial consumidor está nas classes média a alta.

Entretanto, segundo CAPITANI & GARAVELLO (2007), sob a perspectiva dos critérios de ecodesenvolvimento, verifica-se em projetos implantados, de utilização de fibra de bananeira em artesanato, que a atividade ainda terá que transpor alguns obstáculos para estar compatível com tais critérios.

Segundo SWARBROOKE (2000), o turismo sustentável, do qual o ecoturismo e o turismo rural representam algumas de suas modalidades, deve buscar a conservação dos patrimônios natural e cultural, a satisfação dos turistas e a consideração dos impactos socioambientais. Devido à massificação das atividades turísticas, segundo CAMARGO (2005), a real necessidade atual do turismo está atualmente no resgate da hospitalidade. E a nova consciência socioambiental do turista valoriza a qualidade territorial, sociocultural e ambiental do destino turístico. (VIGNATI, 2008)

As questões socioambientais vêm estimulando consumidores a mudar seus hábitos de compra, inserindo novos critérios. Isso exige do produtor e do varejo um novo entendimento das demandas do consumidor, pois seu olhar está indo além de preço e qualidade, despertando o interesse para os componentes sustentáveis de produtos e serviços. (FGV, 2009)

O artesanato baseado em subprodutos da bananeira tem tido um papel importante em algumas comunidades. DANTAS *et al* (2009) descrevem uma intervenção para geração de trabalho e renda por meio da capacitação para o artesanato com base na bananeira na comunidade de Pilões, PB. GARAVELLO *et al* (2009) também relatam experiências positivas com a capacitação de população quilombola do Vale do Ribeira, para prática do artesanato a partir da bananeira como atividade econômica.

Internacionalmente, MILGRAM (2002) e LI *et al op. cit.* descreveram casos em que o microcrédito foi usado como elemento essencial para o desenvolvimento do artesanato a partir da banana em comunidades na Índia e nas Filipinas. LI *et al* (2011) descrevem questões

encontradas em bananicultura na Índia, com destaque para o diagnóstico de que a falta de lucratividade com os produtos de fibra de banana se deviam, em parte, pela precificação baseada no custo, e não no valor de mercado, e pela falta de organização dos bananicultores para ganhos de escala.

2.2. Sustentabilidade e agricultura

Atualmente, tem sido amplamente difundido que a sustentabilidade ambiental, embora seja um alvo difícil de ser atingido em seu centro, envolve a conservação e preservação dos recursos naturais, a justiça social, a valorização da cultura e da educação e o desenvolvimento econômico. Para que uma sociedade alcance plenamente a sustentabilidade ambiental, é preciso respeitar quatro princípios fundamentais; assim, considera-se que em uma sociedade sustentável a natureza não está sistematicamente submetida ao aumento de: 1) concentrações de substâncias extraídas da crosta terrestre; 2) concentrações de substâncias produzidas pela sociedade; 3) degradação por meios físicos; e nessa sociedade: 4) as pessoas não estão sistematicamente sujeitas às condições que as impeçam de satisfazer as suas necessidades fundamentais. Cabe a cada indivíduo a responsabilidade e a iniciativa de buscar satisfação de suas necessidades fundamentais. O modo como cada um de nós busca essa satisfação é decisão individual e tem consequências diretas à sustentabilidade. Entretanto, a sociedade, governos e empresas precisam garantir que todos aqueles que buscarem a satisfação de suas necessidades fundamentais tenham condições de encontrá-la, tais como: subsistência, liberdade, participação e proteção, o que está diretamente ligado à forma como usamos recursos naturais e como desenvolvemos nossa economia e nossos mercados. (THE NATURAL STEP, 2011).

No plano rural, segundo a (FAO, 2006), a agricultura sustentável envolve a conservação dos recursos naturais e o repasse de tecnologias de modo que assegurem o alcance e a satisfação contínua das necessidades humanas para as gerações presentes e futuras. Tal desenvolvimento não degrada o ambiente, é tecnicamente apropriado, economicamente viável e socialmente aceitável, sendo aquele que mantém a produtividade ao longo do tempo, com introdução mínima de insumos externos (suplementos alimentares, uso de fertilizantes e antibióticos), sem degradar os recursos naturais e a biodiversidade.

De acordo como o WRI (2008) o manejo ecossistêmico deve: manter o ecossistema como um todo, interconectado; visar à produção de bens sustentável; manter opções futuras; manter a produtividade ao longo do tempo considerando fatores sociais e estéticos das práticas de colheita; trabalhar no nível do ecossistema e da paisagem; focar o manejo como uma combinação de fatores científicos e sociais; focar as entradas e processos do sistema; realizar o manejo em função do mimetismo dos processos naturais de produtividade; considerar todas as espécies importantes e os serviços que podem prover; evitar a perda de biodiversidade e a degradação do solo; valorizar custo-benefício e aceitabilidade social.

Segundo a FAO (2012), os agronegócios causam 31% das emissões globais de gases efeito estufa, e só a agricultura utiliza 70% da água doce mundial. Atribui-se também a agricultura impactos como perda de fertilidade e erosão do solo, utilização inadequada de defensivos agrícolas, perda das matas ciliares, e outros (SALATI *et al*, 2006).

A bananicultura é uma das culturas agrícolas mais importantes do Brasil e do mundo (FAO, 2012). No Brasil, seu consumo *per capita* anual ultrapassa 25 kg, sendo cultivada de Norte a Sul do País. Em países do continente africano a banana é componente essencial da dieta contribuindo para a alimentação de uma parcela significativa da população (HONFO *et al.*, 2011).

A produção de banana tem enfrentado problemas com doenças, como o Mal do Panamá. Existem experiências, como a descrita por VIVAN (2002) de produção de banana em sistema agroflorestal.

2.3 Comunidade e sustentabilidade

As interfaces entre comunidade local e sustentabilidade podem ser evidenciadas por crenças ou anseios de seus membros. Concordando com SILVA (2006), o conceito de desenvolvimento sustentável ancora a crença de uma comunidade, de que: a participação ativa dos habitantes de um território é decisiva para o seu desenvolvimento, com incremento do nível de conhecimento dos indivíduos, da cooperação, da reciprocidade e da confiança; as instituições atuantes no território precisam estar articuladas com a comunidade e entre si, favorecendo a convergência de agendas e recursos; o desenvolvimento endógeno somente será positivo se for compartilhado com os agentes locais; além das questões de acessibilidade, infraestrutura e recursos naturais, a economia local será função da identificação e reconhecimento das aptidões do território; as vocações econômicas exigem políticas públicas adequadas e organizam a aplicação dos investimentos a partir do registro dos bens materiais e imateriais, da cultura, do resgate da história, das manifestações e tradições populares locais.

TILLEY (1994) *apud* SARASHIMA *op.cit.* descreve o efeito da ‘consciência do vivido’ de um lugar, o que leva as pessoas a estabelecerem uma identidade pessoal e cultural, a identidade comunitária, que está ligada ao lugar, possibilitando a criação de auto-identidade através desse lugar. Nesse sentido na identificação da ‘comunidade’ é essencial considerar os modos de vida daqueles que são os praticantes de uma cultura, bem como outras pessoas que apreciam essa cultura.

Uma ação voltada à sustentabilidade depende, assim, de uma intervenção participativa, tornando os seres humanos do local coparticipes do processo. Há que fortalecer a capacidade local de inovação; aliando e adaptando o acervo de conhecimentos e saberes do meio; acumulados na sua experiência histórica, às tecnologias externas, através de experimentação (LEFF, 2000).

3 Metodologia

Foram realizados trabalhos de campos mensais ao município de São Bento do Sapucaí, desde abril a agosto de 2014, quando foram entrevistados membros da comunidade local, de vários bairros, desde artesãos (10), bananicultores (5), empresários do turismo/comerciantes (8), funcionários públicos (6) e líderes comunitários (3), totalizando 32 entrevistas, que seguiram roteiros básicos. A comunidade local foi considerada como aquela que possui relação direta ou indireta com o artesanato, seus produtos e com sua matéria prima, independentemente de ser ou não residente no município.

Todas as entrevistas iniciaram-se por um bananicultor e uma artesã, escolhidos aleatoriamente, e para os quais solicitou-se a indicação de outras pessoas para serem entrevistadas. Prevendo-se que a abordagem para realização de entrevista apresentasse algumas limitações, como a inibição e a desconfiança dos questionados sobre as consequências de suas respostas, em especial quando se tratar de áreas de proteção, a cada término de entrevista realizada, perguntava-se ao entrevistado uma sugestão de um nome de uma próxima pessoa que pudesse ser entrevistada e assim por diante, de modo a revelar-se uma rede de contatos entre os entrevistados e melhorar a receptividade à entrevista. A abordagem de entrevista, segundo SOUZA et.al (2006), oferece vantagens, como a obtenção de um padrão sobre o tema de interesse e a possibilidade do pesquisador, por meio das questões elaboradas, direcionar a conversa de acordo com o tema proposto.

Os roteiros de entrevistas foram subdivididos em três tipos:

- Artesãos (associados ou não às associações comunitárias): a) Identificação do artesão, idade, escolaridade, cursos técnicos realizados, onde nasceu e viveu, há quanto tempo é artesão, se realiza outras atividades, etc.; b) Roteiro com questões sobre os materiais utilizados no artesanato, atividades envolvidas com o artesanato, técnicas, produtos,

dificuldades envolvidas com a obtenção de matéria prima (fibras, especialmente); c) Inter-relações do artesanato com outras atividades, com políticas públicas e terceiro setor, e com a sustentabilidade; d) Opinião sobre os cenários atual e futuro.

- Bananicultores: a) Identificação, idade, escolaridade, cursos técnicos realizados, onde nasceu e viveu, há quanto tempo trabalha com a bananicultura, se realiza outras atividades, etc.; b) Roteiro com questões a respeito do sistema de plantio, técnicas de cultivo, conservação do solo e das áreas verdes, relações com a água, qualidade, produtividade, vendas; c) Inter-relações da bananicultura com outras atividades, especialmente com o artesanato, com políticas públicas e terceiro setor, e com a sustentabilidade; d) Opinião sobre os cenários atual e futuro.

- Cidadãos (microempresários do setor turístico, comerciantes, profissionais da área técnica agrícola, funcionários públicos, líderes comunitários): a) Identificação, profissão, idade, escolaridade, cursos técnicos realizados, onde nasceu e viveu, há quanto tempo vive ou trabalha no município; b) Roteiro com questões a respeito de sua visão sobre a sustentabilidade no município, a bananicultura, o artesanato, o turismo, políticas públicas e terceiro setor; c) Opinião sobre os cenários atual e futuro.

A apresentação dos resultados é proveniente das informações obtidas por meio das entrevistas e observações de campo. Como forma de análise foram apresentados os resultados mais significativos/representativos dessas informações e modos dos entrevistados expressar seu pensamento sobre a realidade, e discutidas as lacunas ainda existentes no montante de informações para compreensão do artesanato e suas inter-relações.

As fotografias apresentadas neste trabalho foram feitas durante a realização dos trabalhos de campo.

4 Análise dos Resultados

4.1 A bananicultura em São Bento do Sapucaí

A bananicultura se iniciou há cerca de 30 anos em São Bento do Sapucaí e contribuiu com a produção de bananas para abastecimento da microrregião de Campos do Jordão, na qual se insere, bem como, abastece a Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), de São José dos Campos e de Jacareí, por outro lado, a bananicultura tem sido fundamental para a produção artesanal, pois a fibra de bananeira é a principal matéria prima para o artesanato do município.

Os principais tipos de bananas cultivadas são a prata e a nanica. No entanto, atualmente a banana nanica vem substituindo a banana prata por ter se mostrado mais resistente a pragas e fungos que já ocorreram em bananais de São Bento do Sapucaí.

No município há desde pequenos produtores de bananas até os grandes produtores e os únicos dois produtos vendidos pelos bananicultores são a banana (prata e/ou nanica) e a fibra de bananeira.

Percebe-se, entre membros da comunidade de São Bento do Sapucaí, uma cultura de valorização de produtos e de produção 'sustentáveis', isto é, suas atitudes e crenças acerca das condições atuais e futuras apontam para sustentabilidade ambiental, já que se mostram, em geral, preocupados com a qualidade ambiental, com a preservação das paisagens naturais, com sua inserção econômica no turismo de natureza, e com o reconhecimento de seus trabalhos como algo que contribui para a manutenção do equilíbrio natural. Os bananicultores, por exemplo, consideram os bananais sustentáveis pois geralmente, declaram não utilizam agrotóxicos e inseticidas, não irrigam o solo e acrescentam ao solo, matéria orgânica proveniente de todo resto de poda dos bananais.

4.2 O artesanato de fibra de bananeira

O artesanato de fibra de bananeira é considerado ‘sustentável’ pela comunidade de São Bento do Sapucaí, pois, por exemplo, utilizam os subprodutos da bananicultura, ou seja, as fibras, além de fibras de outras plantas, as quais retiram diretamente da natureza, sem causar impactos significativos. Os ‘produtos sustentáveis’, diferentemente dos produtos convencionais, que não têm contabilizados em seu valor monetário os impactos socioambientais, possuem elementos de sustentabilidade em sua cadeia produtiva, agregando-lhe valor socioambiental. Tais produtos podem ser assim considerados, por exemplo, por gerar menos perdas, por conter menos substâncias prejudiciais ou tóxicas, porque seu processo de produção consome menos energia, porque geram renda a cooperativas, artesãos ou comunidades de baixa renda, porque gastam menos recursos durante sua produção (RODELA, 2011).

A fibra de bananeira é utilizada (vendida, principalmente, ou doada pelos bananicultores aos artesãos) de duas formas:

1) A fibra do caule para ser utilizada diretamente na confecção de diversos tipos de artesanatos, principalmente ‘esteiras’. Os artesãos retiram do ‘caule’ as camadas externas e as utilizam como uma lâmina, que tem como principal produto a ‘esteira’ (**Figura 2**). Segundo PADOVANI (1989) *apud* ANDRADE (2005), a bananeira é considerada uma erva gigante, monocotiledônea, sendo que a parte aérea que se assemelha ao tronco é um amontoado de folhas, justapostas e imbricadas umas às outras de forma compacta e consistente; seu caule é um rizoma subterrâneo. O artesão denomina de ‘palha da bananeira’ essa lâmina fibrosa. Ele a retira do ‘caule’, lava-a com água, seca-a, e enrola-a, formando rolos que são posteriormente unidos por barbante para formar uma esteira, que é feita de diversos tamanhos, desde porta copos, jogos americanos até tapetes, cortinas e forros de teto de grandes restaurantes da região. É uma tradição que, segundo os artesãos, iniciou-se mesmo antes da bananicultura, um tipo de artesanato feito há séculos da mesma maneira, ‘desde o tempo dos escravos’, quando as esteiras de fibra de bananeira eram utilizadas como ‘camas’ para escravos, e permaneceu, sendo largamente utilizadas como tapetes. Posteriormente, foram sendo criados outros tipos de uso, principalmente com o desenvolvimento do turismo, que aumenta a demanda e instiga a criatividade dos artesãos. Uma outra forma em que a ‘palha da bananeira’ é utilizada, em menor quantidade, é como revestimento para artesanatos em madeira, tais como bandejas e caixas em geral.

2) O ‘caule’ é processado (moído, passado por processo de clareamento) para transformação em papel utilizado principalmente para recobrir cúpulas de abajures e luminárias, bem como para confecção de flores (**Figuras 3 e 4**). Os artesãos que moem o ‘caule’ da bananeira e fazem seu próprio papel de maneira muito artesanal e rústica. Entretanto, a grande maioria do artesanato feito com o papel da fibra de bananeira é produzido em uma pequena fábrica, a Agroarte, que produz artesanato (luminárias e abajures), e que fornece matéria prima (papel da fibra) a artesãos de São Bento do Sapucaí para produzirem flores.



Figura 2- Confeção da esteira de ‘palha da bananeira’: base para elaboração de diversos artesanatos. São Bento do Sapucaí, SP (julho de 2011)



Figura 3- Abajures e luminárias revestidos de fibra de bananeira (‘papel’), produzidos em São Bento do Sapucaí, SP (julho de 2011)

O artesanato tem bastante diversidade de produtos, especialmente utilizando fibras de bananeira e a palha de milho, além de fibras de outras plantas, bambus, madeiras, tecidos, dentre outros. Mas o principal tipo de artesanato, que caracteriza a tipicidade do artesanato de São Bento do Sapucaí, na visão da comunidade em geral, é o artesanato que utiliza a fibra de bananeira, principalmente aquele que tem como base a esteira da lâmina fibrosa do ‘caule’. Entretanto, a ocorrência de doenças dos bananais e a substituição da banana prata pela banana nanica vem interferindo na disponibilidade de ‘palha’ do ‘caule’ de bananeira para os artesãos que se utilizam delas. Primeiro porque utilizam a palha da bananeira de banana prata, segundo porque com as doenças, os bananicultores têm se tornado cada vez mais resistentes a permitir

que os artesãos entrem em seus bananais para retirarem a ‘palha’. A venda da ‘palha’ pelos bananicultores também não tem sido considerada lucrativa por eles.



Figura 4- Flores confeccionadas de fibra de bananeira (‘papel’), produzidas por artesãos que compram o ‘papel’ da Agroarte, São Bento do Sapucaí, SP (julho de 2011)

Obviamente o artesanato de fibra de bananeira do município depende, em grande parte da bananicultura, mas também do turismo, onde está o principal consumidor, o que possibilita tanto o desenvolvimento de artesãos que vivem unicamente do artesanato, quanto artesãos que o fazem como um complemento de renda. Segundo artesãos de São Bento do Sapucaí, trabalhar muito, ou seja, depender do artesanato significa ganhos de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00/mês, e a melhor época ocorre nos meses de alta temporada (maio a agosto). Esses artesãos dizem trabalhar o dia todo, todos os dias, inclusive finais de semana, para conseguir obter sucesso na produção e atingir esse rendimento financeiro. Os artesãos que trabalham apenas como complemento, produzindo nas horas livres, tem ganhos bem mais variáveis, mas em torno de R\$ 150,00/mês.

4.3 Organização comunitária em torno do artesanato e suas implicações locais

No bairro do Quilombo a comunidade se organizou há cerca de 12 anos, quando recebeu um terreno em doação para construção de uma área onde se pudesse trabalhar e expor o artesanato feito pela comunidade residente no bairro. Em mutirão, e com apoio da Prefeitura, construíram a sede da Associação do Quilombo, que vem se destacando como um dos principais atrativos turísticos do município. Hoje a associação conta com cerca de 85 artesãos, dentre homens e mulheres (**Figura 5**).

Nessa Associação somente são expostos artesanatos mais tradicionais, geralmente feitos de fibras, principalmente de bananeira e de milho. Procuram seguir essa linha para manter a representatividade cultural e a tradição do modo de fazer artesanato e para poderem se adaptar às exigências das feiras anuais do Revelando São Paulo, que incluem várias restrições aos tipos de artesanato, de modo a permitir a exposição somente de artesanatos realmente tradicionais e que utilizem materiais provenientes diretamente da natureza. Não aceitam materiais sintéticos e industrializados, por exemplo, conforme descrito no Regulamento da Mostra de Artesanato Tradicional, disponível em SÃO PAULO (2014).

Há mais uma associação de artesãos no município, a Arte e Artesanato, no centro da cidade, que expõe artesanatos de cerca de 70 associados de todos os bairros do município, sendo uma das oportunidades principais de exposição do artesanato produzido no bairro Paiol, além de outros espaços, como lojas, restaurantes e pousadas da cidade. Nessa loja são aceitos artesanatos feitos de outros materiais, como tecidos, EVA (Etileno Acetato de Vinila) e outros materiais.



Figura 5- Área de trabalho na sede da Associação do Quilombo, bairro do Quilombo, São Bento do Sapucaí, SP (maio de 2014)

A Prefeitura fornece alguns subsídios (funcionários, energia elétrica, telefone, transporte para as feiras, por exemplo) para ambas as associações, mas esses subsídios sofrem variações ao longo do tempo.

Na Associação do Quilombo, de modo geral, os artesãos consideram a Prefeitura uma parceira no desenvolvimento local, ainda com necessidade de melhorias no bairro e na associação, mas como tem uma organização comunitária bem estabelecida, consideram que os problemas são resolvíveis ao longo do tempo em função da própria participação popular, que vem se organizando para cobrar melhorias específicas.

Uma das lacunas no sistema de desdobramentos socioambientais da bananicultura em São Bento do Sapucaí é que os artesãos que se encontram organizados na Associação Quilombo não possuem seus próprios bananais, e também não permitem que artesãos de outros bairros se associem. Disseram que o artesanato de fibra de bananeira representa a cultura do próprio bairro do Quilombo (eles não fazem o artesanato de papel de fibra, como da Agroarte, utilizam diretamente a lâmina fibrosa do caule). Desta forma, precisam depender de bananicultores que forneçam a fibra de bananeira e há uma resistência cada vez maior, inclusive em vender a fibra aos artesãos, pois não é lucrativo para os bananicultores. Esses bananicultores também, em geral, não permitem que os artesãos entrem em suas terras para retirar a ‘palha’ da bananeira, por considerarem que podem transmitir doenças ao bananal, próprias da bananicultura, como o ‘mal do Panamá’, que já chegou a destruir bananais inteiros em São Bento do Sapucaí. Alguns artesãos do Quilombo já estão buscando a fibra de bananeira fora do município.

Este problema não atinge a Agroarte, uma vez que os próprios bananicultores recolhem os ‘caules’ para vender para essa pequena indústria, mesmo que a maior parte dos bananicultores entrevistados declarem não vender os ‘caules’ pois consideram não ser muito lucrativo, mas não acham que correm riscos por conta de doenças.

Por outro lado, no Bairro do Paiol, onde há também vários artesãos, não há esse problema em conseguir a fibra, já que geralmente esses artesãos são mulheres cujos maridos são bananicultores ou os próprios bananicultores. Entretanto, embora esses artesãos geralmente façam parte da Associação Arte e Artesanato, não se encontram organizados em associação de

bairro, o que lhes permitiria ampliar a produção e, segundo uma das entrevistadas do bairro Paiol, a convivência social e a criatividade proveniente da troca de ideias, como no bairro Quilombo. Entretanto, quanto à renda familiar, ainda não se sabe se os artesãos do Paiol teriam interesse em ampliar a produção de artesanato. São necessárias pesquisas específicas sobre as implicações reais da falta de associações em todos os bairros e a produtividade em cada distinta associação, especialmente relacionando-se aos tipos de artesanato que são expostos. Conforme ressaltaram Chemnasiri e Kaewmoung (2008), esse é um tema importante em estudos com agricultores.

Um outro aspecto interessante entre os dois bairros é que no Paiol o artesanato parece ser considerado um trabalho para a mulher e a bananicultura um trabalho para o homem, e no Quilombo não há esta distinção. Uma das questões que está sendo investigada nesta pesquisa é um estudo mais detalhado a esse respeito, que também leve a uma discussão da distribuição do artesanato em São Bento do Sapucaí, que até o momento, parece se concentrar nesses dois bairros, onde foi encontrada a maior parte dos artesãos.

4.3.1 O artesanato e o desenvolvimento do bairro do Quilombo

O bairro do Quilombo experimenta nos últimos anos o desenvolvimento socioeconômico, cultural e de suas infraestruturas a partir do momento em que houve união da comunidade em torno do artesanato, com a construção da sede da associação. A organização da comunidade do bairro do Quilombo em uma associação, tendo-se o artesanato tradicional como elemento integrador, aponta para a facilitação do desenvolvimento da comunidade, através da articulação política. Artesãos relatam que todas as melhorias do bairro foram conseguidas porque se mobilizam, tais como asfalto, saneamento básico, transporte até o centro da cidade (são quase 3 km de distância e até a pouco tempo não tinham nenhum tipo de transporte regular). Segundo eles, as melhorias demoram, mas como são unidos, conseguem obtê-las.

A associação do bairro do Quilombo vem mostrando crescimento em produtividade e alcance geográfico das vendas. Com o crescimento das vendas, novas formas de trabalho vem se desenvolvendo entre os artesãos para dar conta da demanda. Artesãos relatam, por exemplo, que no início da organização uma das maiores dificuldades era o relacionamento entre pares. Os próprios artesãos entravam em conflito sempre que um artesão copiava o artesanato do outro. Hoje veem a capacidade de copiar como algo positivo, pois isso possibilita a produção em grande escala (clientes das capitais, donos de lojas, como a TokStok, restaurantes e indústrias como a Natura são dos mais representativos em termos dessa demanda). Como exemplos de produtos encomendados em maior quantidade temos: jogos americanos para um grande restaurante, embalagens para a Natura, bandejas revestidas de lâmina de fibra do ‘caule’ de bananeira para a TokStok (**Figura 6**), forros de teto ou cortinas para arquitetos, etc.).

De qualquer modo, a presença de conflitos não sugere, no caso de São Bento do Sapucaí, a presença de ruptura social e cultural, que foi apontada por VIVAN (2002) como um dos principais riscos da bananicultura, até porque no presente caso não há o objetivo de produção em massa para exportação, como é o caso costarricense. Pelo contrário, os artesãos do bairro do Quilombo se mostram cada vez mais amadurecidos em suas relações de trabalho.



Figura 6- Bandejas revestidas e cestos de fibra de bananeira, Associação Quilombo, São Bento do Sapucaí, SP. (junho de 2014).

Os artesãos do Quilombo desenvolveram um outro tipo de modo de trabalhar em função dos meses de baixa temporada, ou meses em que não recebem muitas encomendas em maior quantidade de um mesmo produto. Eles desenvolveram o trabalho em dupla, assim: um artesão que faz esteira de fibra de bananeira, juntamente com um outro artesão que faz flores de palha de milho trabalham juntos para fazer um só produto, como, por exemplo, um painel decorativo (**Figura 7**). Desta maneira, vendem um só produto para o turista, mas estão vendendo dois produtos, com preços/lucros separados para cada artesão, em conformidade com o produto.



Figura 7- Exemplos de painéis decorativos feitos, cada um, por dois artesãos: um artesão produziu a esteira de fibra de bananeira e o outro artesão produziu os ramalhetes de palha de milho. Assoc. Quilombo, São Bento do Sapucaí, SP (julho de 2014)

4.4 A união da comunidade como solução dos problemas do município

Os principais problemas apontados foram: saneamento básico, educação e saúde, incentivo à bananicultura, ao artesanato e ao turismo, e infraestruturas e serviços urbanos. De modo geral, os entrevistados artesãos, bananicultores e os demais, indicam uma solução para resolução dos problemas relacionados ao desenvolvimento socioeconômico do município: organização comunitária e planos consistentes do terceiro setor. Profissionais ligados aos equipamentos turísticos reconhecem que ações da Prefeitura Municipal são constantes pela melhoria do turismo, embora lentas. Ainda sentem falta de planos de divulgação e acessibilidade para o turismo local.

Sem dúvida, os desafios exigirão uma ação conjunta de todos os intervenientes do setor da bananicultura, do artesanato e do turismo, no sentido de buscar soluções práticas e orientadas para os resultados de interesse comum. A comunidade já possui produtos de valor socioambiental agregado, que carecem de estudo como forma de reflexão, para divulgação científica e como forma de valorização cultural e econômica, buscando fortalecer as ações sustentáveis.

5 Conclusões

A valorização de produtos e de produção ‘sustentáveis’ em São Bento do Sapucaí, juntamente com o empenho em manter e inovar sobre o que é tradicional dentro da cultura, tem se mostrado, em parte, como elemento integrador da comunidade, especialmente no bairro Quilombo, o que contribui para seu desenvolvimento e articulação política. Suas atitudes e crenças acerca das condições atuais e futuras apontam para sua inserção econômica, aproveitando o crescimento de modalidades de turismo de natureza. A associação vem mostrando crescimento em produtividade e alcance geográfico das vendas, fazendo surgir novas formas de trabalho.

A bananicultura tem sido fundamental para a produção artesanal, pois a fibra de bananeira é a principal matéria prima. A fibra é aproveitada de duas formas: 1) a lâmina fibrosa do ‘caule’ (‘palha’) para ser utilizada diretamente na confecção de diversos tipos de artesanatos; 2) o ‘caule’ para ser processado em moagem e clareamento, para transformação em papel para confecção de artesanatos.

O principal tipo de artesanato, que caracteriza a tipicidade de São Bento do Sapucaí, na visão da comunidade em geral, é o artesanato que utiliza a fibra de bananeira, principalmente aquele que tem como base a esteira da lâmina fibrosa do ‘caule’. Este tipo de artesanato também é considerado mais vendável. Entretanto, artesãos, especialmente do bairro Quilombo, vem enfrentando problemas crescentes para conseguir a fibra de bananeira.

A condução da continuidade desta pesquisa realiza-se dentro dos seguintes subtemas: a) Dependência do artesanato feito de fibra de bananeira: cenário futuro em função da dificuldade crescente dos artesãos em se conseguir fibra; b) Papel do governo e da comunidade no desenvolvimento do artesanato; c) Artesanato como elemento integrador no desenvolvimento socioeconômico; d) Importância do artesanato no caso da mulher e no caso do homem; e) Distribuição geográfica e cadeia produtiva do artesanato; f) A questão da sustentabilidade no desenvolvimento do artesanato.

Referências

ANDRADE, J.A.C de. *Análise da Produção de Banana Orgânica no Município de Itapajé, Ceará, Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005, 107p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos*. Brasília: MMA, 2000. 40p.

Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.9, n.2, p. 74 - 88, 2015
ISSN 1982-2537

CAPITANI, D. H. D.; GARAVELLO, M.E. de P. E. A Atividade artesanal com fibra de bananeira sob a perspectiva do ecodesenvolvimento. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v.2, n.1, fev. 2007.

CHEMNASIRI, N., KAEWMOUNG, D. Farm development to become agro-tourism area by community involvement in Saraburi, *Thailand Amfiteatru Economic*, 10 (SUPPL. 2): 184-194, 2008.

DANTAS, L. C.; GUIMARÃES, L. E. C.; ALMEIDA, J. D. Produção artesanal, design participativo e economia solidária: a experiência do grupo mulheres da terra, Pilões-PB. *Encontro Nacional de Engenharia de Produção*, XXIX, 2009.

FAO- Food and Agriculture Organization of the United Nations. Banana. *In: Agricultural products*. 2006. United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). Disponível em: <http://www.unctad.org>. Acessado em março de 2006.

FAO- Food and Agriculture Organization of the United Nations. *Sustainability Assessment of Food and Agriculture systems*. Rome: FAO, 2012. 108p.

FAO- Food and Agriculture Organization of the United Nations. *Food and agricultural commodities production 2012*. Disponível em <http://faostat3.fao.org/faostat-gateway/go/to/download/Q/QI/E>. Acessado em agosto de 2014.

FGV- Fundação Getúlio Vargas. *Fórum de varejo e consumo sustentável: experiências, debates e desafios*. São Paulo: FGV, 2009. 46p.

GARAVELLO, M. E. de P. E.; MOLINA, S. M. G.; SILVA, M. R. da C.; COSTA, E. E. M. Artesanato com fibra de bananeira: uma experiência no Vale do Ribeira, SP. *Revista cultura e extensão*. Universidade de São Paulo: São Paulo Vol. 3: 31-36, 2010.

GARAVELLO, M. E. de P. E. Uma experiência de pesquisa e de extensão universitárias: artesanato com fibra de bananeira. *Participação*, n. 15, 2009.

HIRUMA, S.T. & TEIXEIRA, A.L. *Proposta de Sítio Geológico da Pedra do Baú*. São Paulo: Instituto Geológico / Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos, 2010. 8p.

HONFO, F.G.; TENKOUANO, A.; COULIBALY, O. Banana and plantain-based foods consumption by children and mothers in Cameroon and Southern Nigeria: A comparative study. *African Journal of Food Science*, v.5, p.287-291, 2011.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Agrícola 2009. *In: Economia*. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acessado em junho de 2011.

LEFF, E. Tiempo de Sustentabilidad. *Ambiente e Sociedade*. 6: 5-15. Campinas, 2000.

LI, S. X. *Srinivasan services trust: Combating poverty with entrepreneurship*. MIT Sloan Management, June 2011. Disponível: <https://mitsloan.mit.edu/learningedge/casedocs/11-113.sst.kelly.pdf>. Acesso: 21 de Agosto de 2014.

MILGRAM, B. L. Banking on Bananas, Crediting Crafts: Financing Women's Work in the Philippine Cordillera. *Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice*, v. 26, n. 2, p. 109-119, 2002.

RODELA, L. G. Uma abordagem didática no ensino superior sobre consumo consciente e produtos sustentáveis. In: *I Workshop de Ciências Ambientais UNESP Sorocaba*. 2011.

SALATI, E.; SANTOS, A. A.; KLABIN, I. Temas ambientais relevantes. *Estudos avançados - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo* v. 20, n. 56, p. 107-127, 2006.

SÃO PAULO (Estado). *Revelando São Paulo*. Disponível em: www.revelandososaopaulo.org.br. Acessado em agosto de 2014.

SARASHIMA, S. 'Community' as a Landscape of Intangible Cultural Heritage: Basho-fu in Kijoka, a Japanese Example of a Traditional Woven Textile and its Relationship with the Public. *International Journal of Intangible Heritage*. Vol.8: 136-152, 2013.

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Artesanato em fibra de bananeira*. Iconha: Associação de Artesãos do Município de Iconha, 2006. 7p.

SEMA- Secretaria de Estado do Meio Ambiente. *Proposta para criação do Monumento Natural da Pedra do Baú*. São Paulo: SEMA, 2010. 64 p.

SILVA, H.M. da. *Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro* (Tese de Doutorado). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2006. 165p.

SOUZA, I.F. de; FERREIRA, L.E.C.; MAGINI, C.; ABESSA, D. M. de S. Percepção ambiental, perfil sócio-econômico e uso e ocupação do solo pela comunidade residente no núcleo Pedro de Toledo, Parque Estadual da Serra do Mar, SP. *O mundo da saúde*. São Paulo, 2006: out/dez 30 (4): 570-580.

SWARBROOKE, J. *Turismo sustentável: Meio Ambiente e Economia*. São Paulo: Aleph, 2000.

THE NATURAL STEP. *The four system conditions*. Estocolmo: The Natural Step Organization. Disponível em: www.thenaturalstep.org/en. Acessado: agosto de 2011.

VIGNATI, F. *Gestão de destinos turísticos*. Rio de Janeiro: SENAC, 2008.

VIVAN, J. L. Bananicultura em sistemas agroflorestais no Litoral Norte do RS. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v. 3, n. 2, p. 1-20, 2002.

WRI- World Resources Institute. *Ecosystem Services for Development*. Washington: WRI
Disponível em: <http://www.wri.org/>

NOTA: A pesquisa foi realizada com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq- Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 43/2013 (período de realização 2014-2016), e da Universidade Nove de Julho- Uninove São Paulo.

Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.9, n.2, p. 74 - 88, 2015
ISSN 1982-2537